



REFLEXÕES SOBRE A TEORIA DA SOCIEDADE EM REDE DE CASTELLS E A TEORIA DA REDE DE AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS

Lademir José Cremonini¹
Odete Maria de Oliveira²

RESUMO

Uma das principais características da sociedade contemporânea encontra-se na dimensão do universo da rede de redes e na complexidade do poder e extensão de seu uso. Nesse sentido, o presente estudo busca abordar tão polêmico assunto e, para tal finalidade, adotou como seu marco teórico condutor a teoria da sociedade em rede, do conhecido sociólogo espanhol, Manuel Castells e a teoria da rede de ação comunicativa de Jürgen Habermas, notável filósofo alemão e membro da Escola da Teoria Crítica de Frankfurt. O artigo estrutura-se em dois distintos momentos, ocupando-se inicialmente com acepções e perspectivas da teoria do primeiro mestre e, na sequência, focalizando aspectos e concepções da teoria do segundo pensador. Neste ensaio usou-se o método dedutivo, a pesquisa de caráter qualitativo e bibliográfico, e a análise de cunho descritivo e explicativo, desenvolvendo questões que se direcionam com a Revolução da Tecnologia Informacional e suas fenomenais inovações, entre elas, a própria rede de redes e, na continuidade, ocupando-se com enfoques concernentes a rede de ação comunicativa e ao mundo da vida. Em certos momentos dessas construções teóricas, observa-se que os dois autores aproximam entendimentos e, em outros,

¹ Mestre em Direito pela Unochapecó, bolsista CAPES, Especialista em Direito Tributário e Graduado em Direito pela mesma Universidade, Graduado em Ciência Contábil pela UNOESC, Pesquisador do Grupo de Pesquisa do Projeto Relações Internacionais, Direito e Poder: cenários e protagonismos dos atores estatais e não estatais da Unochapecó, liderado pela Professora Odete Maria de Oliveira. Professor de graduação e pós-graduação de Direito Tributário, Direito Comercial, Legislação Societária, Direito Trabalhista e Finanças Públicas. Auditor de Tributos no Município de Chapecó, SC. Autor de capítulos e artigos em diversos livros e revistas. E-mail: lademircremonini@hotmail.com.

² Doutora e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pós-doutora em Estudos Comunitários Europeus pela Universidad Complutense de Madrid-Espanha, bolsista da CAPES, Mestre em Psicologia Transpessoal pela Associação Luso-Brasileira em Psicologia Transpessoal (Alubrat), Professora titular de Relações Internacionais do Curso de Pós-Graduação em Direito da UFSC e professora titular do Núcleo *Stricto Sensu* da Unochapecó. Líder do Grupo de Pesquisa do Projeto de Relações Internacionais, Direito e Poder: cenários e protagonismos dos atores estatais e não estatais, Pesquisadora da Fondazione Cassamarca de Treviso-Italia. Autora, coautora e organizadora de vários livros, capítulos de livros e artigos em revistas. E-mail: odetedemaria@gmail.com.

se distanciam. Entretanto, com suas diferentes visões, ambos se empenharam em torno da complexa adequação de um modelo paradigmático à interpretação da presente contemporaneidade. Enquanto, Castells avança nos estudos em torno do Paradigma Tecnológico da Informação, Habermas introduz importante instrumento de análise, o denominado mundo da vida, composto em três distintos mundos – a cultura, a sociedade, a pessoa - destinados à compreensão da rede de ação comunicativa. Por derradeiro, já em considerações finais, observa-se que as citadas teorias culminaram na abertura de necessárias discussões e sérias reflexões, ao ensejo de repensar efeitos do uso da rede de redes à sociedade contemporânea e ao mundo da vida, onde todos – tanto imergem quanto emergem, nos presentes dias em que vivemos.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade em Rede. Revolução Tecnológica Informacional. Manuel Castells. Rede de Ação Comunicativa. Mundo da Vida. Jürgen Habermas.

ABSTRACT:

One of the main characteristics of contemporary society lies in the dimension of the network's universe and in the complexity of the power and extension of its use. In this sense, the present study addresses such a controversial issue and, to achieve this goal, it has adopted as its theoretical framework, the network society theory of the well-known Spanish sociologist Manuel Castells and the theory of the network of communicative action by Jürgen Habermas, notable philosopher and member of the School of Critical Theory of Frankfurt. The article is structured in two distinct moments, initially dealing with theories and perspectives of the first master's theory and then focusing on aspects and conceptions of the second thinker's theory. In this essay we used the deductive method, the qualitative and bibliographical research, and the descriptive and explanatory analysis, developing issues that are related to with the Information Technology Revolution and its phenomenal innovations, among them, the network of networks and, in continuity, dealing with approaches concerning the network of communicative action and the world of life. At certain moments of these theoretical constructions, it is observed that the two authors approximate understandings while in others time they distanced themselves. However, despite their different points of views, both focused on the complex adaptation of a paradigmatic model to the interpretation of the present contemporaneity. While Castells advances studies on the Information Technology Paradigm, Habermas introduces an important instrument of analysis, called "world of life", composed of three distinct worlds - culture, society and the person intended for understanding the network of communicative action. Finally, in the final considerations, it is observed that the aforementioned theories culminated in the need of opening discussions and serious reflections, in the opportunity to rethink the effects of the network of networks is use to the contemporary society and to the world of life, where everyone – so much emerging as immersed, in the present days we live.

KEY-WORDS: Network Society. Information Technology Revolution. Manuel Castells. Network of Communicative Action. World of Life. Jürgen Habermas.

INTRODUÇÃO

O instigante estudo da evolução histórica das sociedades – sociedade sucedendo sociedade - mostra que o homem sempre apresentou a tendência de viver em grupos e de manter entre si os mais diversificados tipos de comunicação e relacionamento – fluxos - que em sua trajetória milenar passaram a se desenvolver entramados em teias, estruturados na lógica de cadeias e corredores, rotas e redes, constituindo sistema complexo de ramificações e sub-ramificações - um mosaico original - desmembrando-se em ramificações principais e secundárias, essas, por sua vez, constituíam-se em formas locais e periféricas, resultando densa e poderosa cadeia de redes – rede de redes - o prenúncio da sociedade contemporânea em rede, objeto de conhecimento deste estudo.

Esses originais e importantes fluxos de tempos tão antigos, em certos momentos alcançaram dimensão mundial, nos exemplos da conhecida rede de redes – Rota das Sedas – orientando-se e se conduzindo, tanto por terra quanto por mar, foi unindo o Ocidente e o Oriente. Outra grande rota deslocava-se a regiões longínquas, atingindo partes da Europa, Ásia, Índia, Japão e África, conectando o Império Romano com o Império Han Chinês.

O fenômeno da rede projetou-se até os presentes dias e contemporaneamente constitui uma de suas principais e impactantes características globais. Interconectadas e inter-relacionadas em múltiplos canais, dessa forma, atingem os mais curiosos, diversificados e estranhos objetivos, conduzindo-se em direção do bem, nos exemplos dos movimentos sociais pacificadores e das organizações não governamentais humanitárias, ou decididamente propensos ao mal, como os casos das organizações terroristas e do crime organizado. Quanto à tipologia, avultam tipos de redes tecnológicas de interconexão eletrônica e de redes de contatos sociais, configurando a própria estrutura social em sua forma de organização e interações humanas, comunicação e aproximação. Essas duas tipologias ilustram as teorias de Castells e de Habermas abordadas neste ensaio.

O objetivo deste trabalho é realizar estudo orientado ao universo da sociedade contemporânea e abordar a questão da dimensão e extensão da rede de redes e de seus usos, uma das mais importantes variáveis da presente contemporaneidade. Para essa finalidade adotou-se como marco teórico de base a teoria da sociedade em rede, do conhecido sociólogo espanhol, Manuel Castells, também a teoria da rede de ação comunicativa de Jürgen Habermas, notável filósofo alemão e membro da Escola da Teoria Crítica de Frankfurt.

O artigo estrutura-se em dois momentos distintos, inicialmente ocupou-se com acepções teóricas da teoria do primeiro mestre e seus desdobramentos, como a Revolução Tecnológica Informacional, suas inusitadas inovações, entre as quais perfila a complexa questão da rede de redes e, na sequência, dedicou-se às concepções pertinentes a teoria do segundo pensador, focalizando a temática da rede de ação comunicativa e o seu conceito de mundo da vida, emoldurado em três diferentes mundos – a cultura, a sociedade, a pessoa – horizonte e cenário no qual os atores sociais estão em movimentos de interações e do agir coletivo.

Neste ensaio usou-se o método dedutivo, a pesquisa de caráter qualificativo e bibliográfico e a análise de cunho descritivo e explicativo. Em suas considerações, a pesquisa observa que em suas construções teóricas e argumentativas, em certos momentos, os entendimentos dos dois atores aproximam-se e, em outros, se afastam, contudo, ambos comungam de uma mesma preocupação, a necessidade de um paradigma adequado e consistente para interpretar a realidade da sociedade contemporânea. Nesse sentido, Castells apresenta o seu próprio modelo, o Paradigma da Tecnologia da Informação, enquanto Habermas propõe um grande salto paradigmático para romper com o modelo da razão científica e da consciência, construído nos moldes do Iluminismo do século XVIII.

Entre as considerações conclusivas, anotam-se algumas convergências e divergências entre as duas teorias, observando sua destacada importância à abertura de discussões e reflexões ao ensejo de ser repensado os efeitos do uso da rede de redes, tanto para a sociedade contemporânea como para o mundo da vida como um todo, presentemente onde todos nós estamos mergulhados.

1. Aportes sobre a Sociedade em Rede de Manuel Castells

A milenar e intrigante história das sociedades através dos tempos, inicialmente leva a refletir sobre as primitivas comunidades denominadas arcaicas e a natureza *sui generis* de seus atores – coletores, caçadores, pescadores – adentrando, espalhando-se e se fixando nas mais longínquas e desconhecidas regiões da *Mãe-Terra*, criando diferentes linguagens e costumes, crenças e ritos, como anotado por Oliveira (CARDOSO, 2001).

Lamentavelmente, os importantes saberes milenares dessas diásporas nativas perderam-se nas páginas significativas da memória dos tempos, destruídos pelas posteriores civilizações – sociedade sucedendo sociedade – fazendo desconhecer o seu rico conteúdo construído durante milhares de anos – o saber primeiro da humanidade - magno manancial da mais pura alquimia, de sinais e de empirias, tanto de experiências quanto de vivências, por isso, como observam Morin e Kern (1995), restando conhecida como a era do paradigma perdido.

Nessa trajetória milenar, as sociedades arcaicas foram cedendo lugar a bizarros impérios, curiosas civilizações, feudos seculares, singulares nações e mais tarde a Estados, ocupados com políticas de força e inusitadas conquistas, alguns deles transformando-se em potências mundiais (WIGHT, 1985). A sociedade como um todo, historicamente pode ser configurada por quatro longos períodos e seus memoráveis feitos – Clássica, Medieval, Moderna e Contemporânea – passando a moldar os destinos dos homens por meio de seus impulsos, os mais diversos e curiosos, povoados por aventuras e perigos, descobertas e avanços, no transportar-se muito além dos horizontes e oceanos, por que não desvendar a lua? Um dia, em lá chegando, exclamou-se em hino de contemplação – *Oh! Como a Terra é Azul!*

Nessa evolução tão milenar e tão deslumbrante, leciona Oliveira (2016), cada sociedade foi criando suas próprias estruturas e conceitos, regras de seus jogos de poder, travando lutas de conquistas, enfim, fazendo emergir cenários e protagonismos estatais de seus tradicionais atores. Mas - de repente no século XX - esses atores foram intimidando-se, exatamente ao se defrontarem com gestações nascentes de novas e surpreendentes

personalidades e que começavam firmemente a emergir e a constituir uma multiplicidade de diversificados e hábeis agentes não estatais, tanto constituindo-se quanto operando em rede de redes, conformando um outro tipo inusitado de sociedade – a sociedade em rede.

Nesse sentido, a sociedade em que hoje vivemos, denominada sociedade em rede por Manuel Castells³ (1999), apresenta-se complexa, permeada por grandes inovações e virtualidades, tecnologias sensíveis e comunicações instantâneas. Sem dúvida, mudanças radicais e assim descrita por Truyol y Serra (1998): trata-se de uma sociedade humana, podendo ser considerada sob certos aspectos profundamente heterogênea, de contornos difusos, politicamente não-estruturada e tampouco integrada.

A sociedade contemporânea, conformando-se por múltiplas características, entre elas, a rede de redes, passou a constituir um dos seus fenômenos mais intrigantes e polêmicos, levando a formular as seguintes indagações? Na contemporaneidade, como é a sociedade e a sua realidade? Como funciona e se relaciona? Quem são os seus atores? Enfim, o que se entende por sociedade em rede? O que é a rede? Como se organiza e opera? Existe um conceito?

A sociedade contemporânea, segundo anota Olsson, “resulta da singular confluência histórica de diversos elementos, sob o influxo de variáveis importantes, em que interagem múltiplos atores mediante mecanismos de grande complexidade” (2007, p. 167).

No mesmo sentido, em outra de suas obras, o citado autor leciona:

A sociedade internacional como complexo relacional subjacente das próprias relações internacionais em si, desdobra-se na conjugação de componentes essenciais: de um lado, um ambiente, meio ou cenário no qual esses relacionamentos ocorrem; de outro, um conjunto de agentes ou atores que constituem os protagonistas dessa sociedade e relacionam-se na esfera internacional (2003, p. 82).

Segunda Oliveira, “A realidade contemporânea da sociedade internacional, apresentando-se globalizante, constitui-se de complexa e vasta rede de interações, relações de diversos tipos – rede de redes - conectadas por interessante multiplicidade de diferentes atores” (2011, p. 11).

Abordando a tipologia dos atores, Oliveira (2011 e 2016) apresenta três distintas categorias: os atores tradicionais, compreendendo os Estados e seus desdobramentos; os novos atores, perfilando as organizações internacionais, organizações não governamentais e as empresas transnacionais e, finalmente, os atores emergentes, entre eles, citando vários agentes, como: as redes de política global, coalizões e as redes transnacionais, crime organizado, organizações criminosas, terrorismo, narcotráfico, movimentos sociais globais, gênero, estruturando-se e se organizando, operando e se solidificando por meio de extensas e densas redes.

³ Esse notável autor nasceu na Espanha em 1942, apresentando uma carreira acadêmica surpreendente. Foi professor catedrático de Sociologia e Planejamento Urbano e Regional na Universidade de Califórnia-Berkeley, também na École Pratique des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris; ainda catedrático e director do Instituto de Sociologia de Novas Tecnologias na Universidade Autônoma de Madrid; professor do Conselho Superior de Pesquisas Científicas em Barcelona, professor visitante de mais de 15 universidades da América Latina e membro da Academia Européia, tendo publicado mais de 20 livros e em várias línguas. Ver mais informações em: CASTELLS, Manuel. **Sociedade em rede**, 1999.

Também Bedin (2001) direciona-se nesse sentido de atores e da rede. Analisando a questão dos agentes internacionais e seus elos com a interdependência, aduz que esse fenômeno apresenta-se mais visível entre os Estados, nos fluxos de dinheiros, bens, pessoas e ainda nas mensagens que transpõem as fronteiras nacionais por meio de redes tecnológicas avançadas.

Nesse viés, além da interdependência e da globalização, outro forte elemento da sociedade contemporânea surgida após a Segunda Guerra Mundial, encontra-se na denominada Revolução da Tecnologia Informacional. Esse fenômeno pode ser considerado o mais importante das últimas duas décadas do século XX, evoluindo e avançando com muita solidez até os presentes dias, configurando-se por meio de uma sociedade constituída por redes de força e poder, tanto atrativas quanto eficientes, sendo de fácil acesso e ainda apresentando opções de variados e baratos custos, como informa Oliveira (2016).

Por sua vez, com o uso a tecnologia da informação tudo interconecta-se por meio de múltiplos canais e virtualmente se comunica. Nesse sentido, as ideias fluem pelas redes *intra* e *inter* computadorizadas, ligando empresas, cidades, Estados, instituições, organizações, movimentos, indivíduos, além de uma grande e emergente variedade de atores não estatais.

A final, o que é a rede? De forma ampla e geral, em sua obra,⁴ *The Rise of the Network Society*, traduzida como *A Sociedade em Rede*⁵, Manuel Castells apresenta a sua concepção, conceituando-a como um conjunto de nós interconectados e definindo o “nó como o ponto no qual uma curva se entrecorta [...]”. As redes são estruturas abertas, capazes de se expandirem de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que partilham os mesmos códigos de comunicação “ (1999, p. 498).

Continua ensinando o mestre espanhol, como instrumentos de poder, as redes representam meios de inclusão e exclusão, motivados por tecnologias da informação e que operam à velocidade da luz, configurando processos e funções predominantes em nossa sociedade: a sociedade em rede (Idem, *ibidem*).

Por sua vez, as conexões que ligam as redes – fluxos de interações - representam ferramentas privilegiadas de força, podendo-se entender os atores internacionais como nós conectores de poder e de influência na citada sociedade em rede. Como as redes são múltiplas, as conexões entre elas tornaram-se as fontes essenciais da formação, orientação e também da desorientação da sociedade, dando forma à própria estrutura social. (Idem, p. 498 e 499).

Nesse sentido, importa entender como se organizam na sociedade em rede, quais as suas características e tipologias. Autônomas e descentralizadas, constituem uma das formas de organizações sociais mais comuns, existindo invisivelmente em todas as partes e lugares do mundo, apresentando-se simultaneamente e de modo onipresente, transpondo e superando

⁴ Entre outras obras desse autor, a então citada compõe a conhecida triologia: **A Era da Informação**: Economia, Sociedade e Cultura, assim formada: CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, V. I; ---. **A era da informação**: o poder da identidade. Tradução Klaus Brandini Gerhard. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008, V.II. ---. **O fim do milênio**. Tradução Klaus Brandini Gerhard e Roneide Vanancio Majer. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, V. III.

⁵ A citada triologia foi publicada em inglês, espanhol, francês, chinês, russo, sueco, japonês, coreano, croata, italiano e em idioma turco. Ver: CASTELLAS, Manuel. **Sociedade em rede**, 1999.

todos os tipos de espaços, cenários e barreiras, podendo tanto existir em âmbitos de organizações fechadas quanto abertas. Esse fato de poder coexistir dentro e fora - aqui e ali - facilita seus fluxos de informações, proporcionando-lhes qualidade inalterada, moldando-se de muitas e diferentes formas, como o caso das redes clandestinas.

Em certos aspectos, as redes parecem como fossem organizações plásticas. Castells, por exemplo, ao referir-se à Internet, a configura como sendo o próprio “tecido de nossas vidas, [...] em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana (2003, p.7). Nesse sentido, também manifestam-se Arquilla e Ronfeldt (2003), confirmando que a rede é a mãe de toda as formas e o mundo está formado por uma rede de redes. Vive-se a era da rede, de nós conectados até com a própria vida – rede de redes de nossas vidas – uma ampla e complexa cadeia de existências formado a grande teia da vida, como bem arremata Capra (2006). As redes passaram a ser consideradas como o tipo de organização mais sofisticada e poderosa que a humanidade jamais concebeu e conheceu.

Quanto à organização das redes, constata-se não existir uma única estrutura organizativa dominante e universal, uma vez que variam em tamanho, forma, coesão, domínio e propósito, podendo apresentar-se como grandes ou pequenas, locais ou globais, transnacionais ou domésticas, lógicas ou difusas, centralizadas ou descentralizadas, com direções fixas e direcionadas de modo rígido e preciso, ou simplesmente sem direções, ainda congregando múltiplos objetivos ou apenas uma meta, configurando-se em viés aberto ou fechado quanto à forma de admitir ou não novos membros ou células, como anota Williams (2003, 91-94).

Entre as suas principais tipologias, pode-se agrupa-las em duas vertentes principais: as redes tecnológicas ou organizativas e as redes sociais. Trata-se de diferentes organismos de redes. Em sentido amplo, a primeira vertente tipifica uma forma especial de organização, apresentando maior flexibilidade, velocidade e adaptabilidade, tendo surgido no âmbito das ciências empresariais e sendo usadas como enfoque inovador junto das organizações econômicas, dos negócios, dos processos de produção, dos meios competitivos financeiros e do comércio, todos ligados ao campo da Revolução Tecnológica Informacional.

Essa nova realidade e suas inéditas inovações passou a desenvolver outro conceito de empresa e seus negócios virtuais exigiam redes rápidas, eficazes e flexíveis, a fim de responder às oportunidades que se apresentavam, devendo processa-las com urgência, tomar as necessárias decisões com agilidade, dispor de facilidade para apreender, compreender e adaptar-se, explorar e vencer a competitividade, mediar interesses comuns em torno de certo resultados importantes. Contudo, a rede apresenta efeitos tanto positivos quanto negativos, podendo ser usada para o bem e igualmente para o mal, assuntos esses não tratados neste estudo. Ver interessantes ilustrações sobre essa temática em Arquilla e Ronfeldt (2003), influentes estudiosos da questão das redes e de guerras das redes.

A segunda vertente, conhecida como redes sociais, relaciona-se com as interações sociais, incluindo todas as suas organizações e movimentos, vistos como um conjunto de atores (nós) e laços (vínculos interconectados), relacionados mediante estruturas e que seguem determinadas regras, como esclarecido por Zanini e Edwards (2003, p. 59).

Tais redes refletem o grau de aproximação entre os diferentes atores de um contexto determinado. Tipificam ainda os laços desses atores mantidos na rede e com a rede, o modo

como funciona, e a forma como cria oportunidades ou restrições para os seus agentes. Tais laços poderão ser fortes, estreitamente associados, ou fracos e débeis. As redes sociais prosperam quando existir confiança e respeito mútuo entre os associados, dando ênfase aos laços e unidades às redes, marcadas por afinidades, fluxos de recursos, transações materiais e outras formas de apoios, interações de conduta, pertencimento ao mesmo grupo, valorização afetiva de um agente ao outro, dessa forma, fazendo existir algum tipo de intercâmbio entre os nós das redes, como leciona Williams, (2003, p. 94 et. seq.).

Os efeitos da Revolução Tecnológica Informacional são bem visíveis e presentes nos dias, originando novo modelo paradigmático, denominado Paradigma da Tecnologia da Informação por Castells e que teve o seu ponto de partida na década de 70 do século XX, evoluindo até os dias atuais, “organizado com base na tecnologia da informação, veio a ser constituído, principalmente, nos Estados Unidos” (2011, p. 45).

Tal paradigma constitui-se por um agrupamento de inovações técnicas, organizacionais e administrativas inter-relacionadas, baseadas principalmente em insumos baratos de informação, derivados do avanço da tecnologia em microeletrônica e telecomunicações. Castells apresenta os seguintes desenhos de seu citado modelo tecnológico: o primeiro se reduz à informação, sendo a sua própria matéria-prima, usando as tecnologias como meios para atingir a informação. O segundo refere-se à penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias, uma vez que a informação faz parte integral de toda atividade humana e os processos da existência individual ou coletiva são diretamente moldados pelo novo modo tecnológico. O terceiro envolve a lógica da rede, em qualquer sistema ou conjunto de relações usam-se essas mesmas tecnologias da informação. O quarto baseia-se na flexibilidade. Não só os processos são reversíveis, também as organizações e as instituições são modificáveis e alteradas pela reorganização de seus componentes. O que distingue a configuração do novo paradigma é sua capacidade de reconfiguração, um aspecto decisivo em uma sociedade em rede, marcada por constante mudança e fluidez organizacional, já que tornou-se possível inverter as regras sem destruir a organização, porque sua base pode ser reprogramada e reaparelhada. O quinto e último desenho volta-se à crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, por exemplo, a microeletrônica, as telecomunicações e os computadores são todos integrados aos sistemas de informação, tendo em vista que em termos de sistemas tecnológicos, um elemento não pode ser imaginado sem o outro, um depende do outro, podendo-se assim dizer que a convergência implica em um interessante estado de interdependência (1999, p.77-81).

A natureza e a sociedade, conclui o notável autor da teoria da sociedade em rede, possuem a faculdade de fazer, acidentalmente, descobertas felizes e inesperadas. Não se poderá afirmar que não haja regras, elas tanto poderão ser criadas como ainda mudadas em um processo contínuo de ações deliberadas e interações exclusivas. O Paradigma da Tecnologia da Informação não evolui para o seu fechamento como um sistema, mas como uma rede de acessos múltiplos, mostrando-se forte em sua materialidade, sendo, por outro lado, adaptável e aberto em seu desenvolvimento histórico. Nesse viés, a complexidade e a disposição em forma de rede são seus grandes atributos (1999, p. 91).

Fernando Henrique Cardoso, ao firmar a sua escrituração prefacial à obra aqui abordada, reconhecendo o talento e a sensibilidade de Castells, entende a sociedade em rede por meio da

conformação do novo Paradigma da Tecnologia da Informação, que ao apresentar a ideia de espaço de fluxos e de tempo intemporal, traduz a moldura para uma fenomenologia da vida social no final do século XX, tanto em tempo real quanto virtual (CASTELLS, 1999, Prefácio. p. II e III).

Enfim, como se apresenta a sociedade em rede? Segundo depreende-se do magistério de Manuel Castells, trata-se de uma sociedade de contornos globais e cenários transnacionais, centrada na tecnologia da informação, no uso da comunicação instantânea, sobremaneira constituída por um padrão sofisticado de complexas redes, redes de redes interligadas, versátil em seu modelo aberto e flexível, onde a informação é gerada, processada, armazenada, recuperada e transmitida instantaneamente, constituindo o seu ciclo de alimentação e realimentação cumulativo entre a contínua inovação e o seu uso. Assim e no final do século XX, o mundo parecia ter se tornando um mundo digital: uma aldeia virtual como ilustra Oliveira (2005, p. 269).

Completa a autora (1998), nesse sentido, na fluidez e volatilidade da rede, fio condutor da sociedade em rede, a informação constitui o seu denso e impactante centro propulsor, enraizado na comunicação, na transmissão instantânea e acelerada de seu conhecimento. As redes criam suas próprias lógicas, regimes e também as suas culturas. No dizer de Levy (1999), uma inédita *cibercultura*. Enfim, mobilizando incrível número de fluxos virtuais, o seu denso tráfico, em grande parte encontra-se fora de regulamentações e instâncias legais.

A invenção dessas novas tecnologias proporcionou grande e desconhecida revolução, afetando o planeta de forma profunda, alterando sobremaneira as relações dos indivíduos, a sua forma de sentir, pensar e viver. Nessa direção, Veloso (2004) e também Levy (1996), entendem que com o desenvolvimento tecnológico, os atos antes restritos ao mundo real, hoje se tornam cada vez mais comuns e frequentes no espaço virtual.

Segundo Castells (1999, p. 65), nesse contexto, pode-se verificar a mudança ou o aumento da integração entre as pessoas, também uma maior aproximação de pensamentos, tendo em vista a facilidade de discussões e trocas de informações, conceitos, ideias, objetivos, etc. Já que como aduz o autor, “as novas tecnologias da informação estão integrando o mundo em redes globais de instrumentalidade (1999, p. 57).

Enfim, a comunicação mediada pela tecnologia da informação gera uma gama enorme de comunidades virtuais. Com tantas inovações tecnológicas à disposição dos indivíduos, indaga-se: Como transmite-se a ação comunicativa? Nesse sentido, o livre acesso possibilita liberdade para atuar no campo individual e obviamente apresentando reflexos no âmbito coletivo, conformando o denominado mundo da vida por Habermas.

Enquanto isso acontece - na sociedade em rede - as organizações empresariais impõem seus métodos, doutrinam os seus agentes e seguidores em qualquer lugar do planeta, criando assim o seu próprio cenário de rede de redes e o protagonismo de poder global, mediante onipresente atuação, questões essas, bem analisadas e ilustradas na teoria de Manuel Castells. Na continuidade será apresentada a teoria da rede de ação comunicativa do citado autor alemão.

2. Aportes sobre a Rede de Ação Comunicativa de Jürgen Habermas

O consagrado e conhecido autor alemão, Jürgen Habermas⁶, desenvolveu vários estudos com a finalidade de analisar os pensamentos históricos de sua época - século XX - para definir a melhor forma de elaborar uma teoria crítica da sociedade e responder a indagação: O que é a sociedade?

Nesse sentido, comparando concepções de outros pensadores⁷, por exemplo, da sociedade mecânica e da sociedade orgânica, também da representação coletiva do sociólogo francês, Émile Durkheim, conhecido autor do fato social, igualmente a noção da interação simbólica mediada pelo filósofo americano, Georg Herbert Mead, estudioso da sociologia e da psicologia social, membro da Escola de Chicago, finalmente Habermas - utilizando a sua própria conceituação de agir comunicativo – elaborou o conceito fundamental da ação comunicativa, concluindo que todas essas concepções possuem o mesmo significado e então afirmando: a sociedade é o mundo da vida dos membros de um grupo social (2012, p. 368).

Diferentemente da teoria da sociedade em rede de Manuel Castells e dos desenhos do seu paradigma da Tecnologia da Informação, como mencionado neste ensaio, ao debruçar-se sobre o estudo da sociedade, Habermas observou fazer-se necessário uma mudança paradigmática radical, para a finalidade de fundamentar a teoria da ação comunicativa, a fim de poder apreendê-la e analisá-la de forma crítica e assim entendê-la. Na continuidade assim aduziu o autor, se os sujeitos se comunicarem poderão encontrar um caminho por meio de relações intersubjetivas. Para isso, então passou a alertar: precisa-se de novos e adequados parâmetros para dar suporte à citada teoria da ação comunicação.

E tal interpretação implica, por um lado, uma mudança de paradigma junto a teoria da ação: mudar a ação teleológica e a ação comunicativa e, por outro, uma mudança de estratégia na tentativa de reconstruir o conceito moderno de racionalidade para que a descentralização da compreensão do mundo seja possível. (HABERMAS, 1987, p. 499).

Nesse viés, o autor e membro da Escola da Teoria Crítica de Frankfurt dá um grande salto paradigmático e abandona o modelo desenhado com base na razão científica – Iluminismo – surgido no século XVIII, conhecido como o paradigma da consciência, encontrando-se já sem consistência para interpretar a realidade do século XX, principalmente com as inusitadas revelações sobre o novo conhecimento do inconsciente apresentado por Freud (1974). Tratava-se agora de outros tempos e de sua correspondente fenomenologia, por conseguinte, que exigia parâmetros epistemológicos adequados a sua compreensão.

⁶ Nascido em 1929, na cidade de Durseldorf-Alemanha, filósofo e com formação nas Universidades de Frankfurt e Bonn, teve a influência dos pensamentos de Immanuel Kant e Karl Marx, entre outros mestres, participando da teoria crítica, foi membro dessa Escola de Frankfurt, sendo assistente do filósofo Adorno Theodor. Como professor lecionou Filosofia em Heidelberg e Frankfurt, mudando-se para Nova York, lecionou na New York School for Social Research, transferindo-se após para Stamburgo, assumindo também a direção do Instituto Max Planck. Entre as suas várias obras, publicou a *Teoria da Ação Comunicativa*, considerada uma das mais significativas. Disponível em: < http://www.educacao.vol.com.br/biografias/junger_habermas.htm > Acesso em : 23 ago. 2017.

⁷ Entre outros, Weber, Marx, Lukács, Adorno, Marcuse, Horkheimer, Parsons, Nietzsche, Freud.

No estudo de sua teoria de ação comunicativa, Habermas procurava um conceito de racionalidade que pudesse encontrar fundamentos nos processos de comunicação intersubjetiva, a fim de atingir o seu objetivo, já que a racionalidade moderna havia sido submetida a profundas e contundentes críticas por Weber, Adorno, Marcuse e outros mestres. Nesse viés, inexistia um referencial teórico absoluto e, por outro lado, os resultados da empiria e seus limites deveriam ser suscetíveis de críticas por meio de procedimentos intersubjetivos, enquanto que as pretensões de validade deveriam ser aferidas e igualmente criticadas. Ver mais informações no texto de Resende (1994).

A concepção de Habermas, nesse momento passou a abandonar a relação cognitiva entre sujeito e objeto, para abraçar a interação de natureza intersubjetiva de sujeito e outros sujeitos e que afastava a visão egocêntrica do mundo. O autor fazia distinta diferença entre o mundo objetivo, o mundo social e o mundo subjetivo, o que diferenciava e afastava definitivamente as acepções do pensamento moderno do Ilusionismo.

A teoria da ação comunicativa que Habermas lecionava não estava ligada à comunicação individual, mas entre dois ou mais sujeitos. O Autor avançava ainda mais em suas asserções, esclarecendo o que constituía uma comunicação ligada à sociedade e o que cada sujeito compartilhava por meio da linguagem no mundo social:

Para isso, o paradigma não constitui a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo, que pode ser representado e manipulado, mas a relação intersubjetiva, que sujeitos que falam e atuam assumem quando buscam o entendimento entre si, sobre algo. Nesse processo de entendimento, ao atuar comunicativamente, os sujeitos se movem por meio de uma linguagem natural, servindo-se de interpretações culturalmente transmitidas e fazendo referência simultaneamente a algo de um mundo objetivo, em seu o mundo social comum e em seu próprio mundo subjetivo (1987, p. 499-500).

Sintetizando, a ação comunicativa não se estabelece por meio de um ator solitário e isolado, dominante e consciente, mas ocorre mediante interações – no mínimo - entre dois sujeitos capazes de falar e agir, mantendo relações interpessoais, buscando um entendimento orientando, tentando resolver os seus objetivos harmoniosamente, mediante um plano de definição comum, com vistas a coordenar suas ações pela via do entendimento.

Nessa direção, poder-se-á inferir, por exemplo, que o denominado agir comunicativo opera coletivamente e que se encontra concatenado com objetivos comuns, não intrínsecos individualmente, gerando o que Habermas chamou de mundo da vida e que irá dar origem a uma rede de ação comunicativa. “A linguagem é o meio do agir orientado pelo entendimento, por meio do qual o mundo da vida se reproduz, enquanto os próprios componentes do mundo da vida se entrelaçam entre si. O mundo da vida forma uma rede de ações comunicativas” (2003, p.85).

Nesse momento, oportuno indagar: Como Habermas concebeu o mundo da vida? O mestre, nascido em Dursseldorf, apresenta a resposta a esse importante questionamento, esclarecendo que o próprio contexto cotidiano pode ser entendido como o mundo da vida, no qual os atores comunicativos situam e datam os seus pronunciamentos, em espaços sociais e tempos históricos desse mundo, construído sobre um saber implícito, geralmente dele nada

sabendo-se, enquanto os atores encontram-se sempre movendo-se dentro do horizonte de seu próprio mundo da vida, não podendo se colocar fora dele (1987, p. 125 e 136).

Mais especificamente e nesse sentido, Habermas concebe o mundo da vida dividido em três distintos mundos: a) a cultura – vista como um acervo de conhecimentos – manancial onde os atores buscam o entendimento sobre o mundo; b) a sociedade – compreendida como ordens legítimas, por meio das quais os atores regulam suas relações no grupo social; c) a pessoa – entendida com competências que tornam um sujeito capaz de falar e agir, de compor a seu próprio pensamento (1987, p. 136 e s.).

Referindo-se ao assunto aqui abordado, Palermo (2013) observa que as interações entre atores sociais ocorrem no mundo da vida, sendo resultantes de ações comunicativas realizadas por indivíduos e que assim procedendo colocam em cena novas situações, que tanto reforçam como renovam o mencionado mundo da vida, gerando novos entendimentos, possibilidades, mudanças e outros objetivos aos atores sociais.

Abordando-se a temática relativa à rede de ações comunicativas, Habermas levanta alguns pontos julgados fundamentais quanto a esse meio de comunicação, como o caso da abertura exagerada de informações que tal instrumento propicia, além de sua vinculação ideológica e dependente com quem o financia. Nota-se, que no primeiro momento da sua obra, os meios virtuais e elementos tecnológicos apontados por Castells não são mencionados nas suas elaborações. Em seus escritos, o autor do mundo da vida refere-se ao universo de filmes, rádios e da televisão, então enfatizando: “Os meios eletrônicos que representam a passagem da letra, imagem e para o som, ou seja, em primeiro lugar, o filme e o rádio, mais tarde a televisão, apresentam-se como um aparelho que perpassa e domina completamente a linguagem comunicativa cotidiana” (2012, p. 700).

Em um segundo momento, entretanto amplia o seu universo de conhecimento rumo à virtualidade, mencionando e manifestando-se sobre a criação da rede e a disponibilização de suas mensagens nos meios de comunicação em massa:

Os meios de comunicação de massa são desse tipo. À medida que criam a simultaneidade abstrata de uma rede – virtualmente presente – de conteúdos comunicativos distanciados no tempo e no espaço, disponibilizando mensagens para vários tipos de contexto, eles libertam o processo de comunicação do regionalismo de contextos limitados no espaço e no tempo, permitindo o surgimento de esferas públicas. (2012, p. 702).

Com relação à possível tendência de manipulação dos dados da comunicação difundida por esses meios, Habermas afirma que “os meios de comunicação de massa não conseguem se esquivar das obrigações que resultam de seu contrato jornalístico sem entrar em conflito”. (2012, p. 703).

Nesse sentido, Habermas critica a cultura de massa, entendendo ser exatamente criada por esses citados meios de comunicação, observando ser também possível pela manipulação das informações repassadas produzirem uma moda, com a qual os ouvintes imitam estereótipos ideológicos sem conteúdo autêntico. Dessa forma, então considerando que os meios de comunicação de massa são utilizados para a realização de um controle social imposto aos indivíduos (Idem, ibidem).

Nesse universo, o autor anota a posição privilegiada do sistema sobre o mundo da vida, afirmando que os sistemas, por sua vez, constituem instrumentais organizados pelos subsistemas econômico e político que buscam invariável e incansavelmente dominar o mundo da vida.

A separação entre sistema e mundo da vida reflete-se no interior dos mundos da vida modernos, inicialmente como reificação. O sistema da sociedade explode definitivamente o horizonte do mundo da vida, subtraindo-se a pré-compreensão da prática comunicativa cotidiana e tornando-se, a partir de então, acessível apenas ao saber contra-intuitivo das ciências sociais, que começam a surgir no século XVIII. (...) quanto mais complexos os sistemas da sociedade, tanto mais provincianos se apresentam os mundos da vida. Num sistema social diferenciado, o mundo da vida se encolhe, assumindo contornos de um subsistema (2012, p. 312).

Complementando tal problemática, citando Marx, o autor aduz que “o encanto exercido pelo sistema sobre o mundo da vida só poderia ser quebrado numa sociedade socialista, pois aí é possível dissolver a dependência da superestrutura em relação à base” (2012, p. 335).

Nesse sistema, a comunicação é dada pelo mercado ou pelo dinheiro. “Quando o meio ‘dinheiro’ se institucionaliza juridicamente, o agir orientado pelo sucesso e controlado por cálculos egocêntricos do lucro se desliga do agir orientado pelo entendimento” (Idem, p. 254).

Destarte, o agir orientado pelo entendimento somente acontece por meio da ação comunicativa dos indivíduos na sociedade, vale dizer, no mundo da vida.

[...] a ação comunicativa está inserida em um mundo da vida que fornece uma cobertura protetora dos riscos sob a forma de um imenso consenso de fundo. As proezas da comunicação explícitas que são alcançadas pelos agentes comunicativos dão-se no horizonte de convicções partilhadas e não problemáticas. A inquietação e a crítica choca com a grande e imperturbável rocha que se projeta das profundezas dos padrões interpretativos previamente acordados, fidelidades e competências (2002, p. 127).

No estudo deste ensaio, observou-se que o autor não faz referência direta aos meios de comunicação instantânea - surgidos após os seus escritos - impulsionados pela Internet, denominados por Castells de tecnologia informacional (1999, p. 65). Apesar de Habermas ser contemporâneo, não apresentou texto específico que aborde a Revolução da Tecnologia Informacional. No entanto, sua teoria do mundo da vida e da rede de ação comunicativa remetem à rede, sendo aplicadas a qualquer sociedade e em qualquer tempo, cabendo somente interpretá-las e ajustá-las ao momento e a forma como a comunicação se desenvolve entre os indivíduos de determinada sociedade.

Nesse sentido de uso da rede tecnológica eletrônica, entende-se neste estudo que Habermas não se referia especificamente a ela quando se reportava à rede de ação comunicativa e a rede do mundo da vida, mas a outros meios de comunicação que podem ser usados pelas interações sociais em seus fluxos. Não só as Ciências Exatas, também as Ciências Sociais usam conceitos de redes, nesse caso fazendo surgir as denominadas redes sociais – compreendendo modos de interações e organizações humanas, articulações entre

grupos, movimentos, indivíduos e instituições – tais redes de contatos constituem formas muito antigas de comunicação e aproximação, compreendendo simplesmente os contatos dos indivíduos entre si mesmos, sem se interconectarem com as redes tecnológicas eletrônicas. (OLIVEIRA, 2016, p. 20),

Reforça esse entendimento a obra de Khris Mattar (2013), ao afirmar que os estudos das redes, desse modo, não são somente analisados dentro do âmbito eletrônico, importa também à esfera social e aos seus respectivos atores sociais. A rede social configura-se na própria estrutura social, que observa tais atores como nós e as suas relações como linha de interconexões atuando no mundo da vida.

Uma das poucas inferências diretas encontradas sobre o assunto pela pesquisa deste trabalho, diz respeito a uma entrevista concedida por Habermas, em 2010, ao repórter Stuart Jeffries, do *Jornal Financial Times*, quando o autor aduz que a Internet provoca força centrífuga, gerando uma onda. No seu entender, anárquica e fragmentada (JEFFRIES, 2010)⁸.

Em poucas palavras, por meio de um *e-mail* enviado ao citado entrevistador e jornalista, Stuart Jeffries (2010), Habermas deixou claro que não considerava a comunicação gerada na Internet como algo que pudesse encaixar-se em sua teoria, uma vez que a mesma não se encontrava organizada para essa finalidade e principalmente por não produzir efeitos concretos para serem alimentados por *nômadeles eletrônicos*. As verdadeiras decisões ocorrem fora do espaço virtual, conclui o autor⁹.

Esse debate, por outro lado, merece breve explicação da esfera pública. Segundo observado por Habermas:

Contraposta à esfera privada, destaca-se a esfera pública como um reino da liberdade e da continuidade. Só a luz da esfera pública é que aquilo que é, consegue aparecer, tudo se torna visível a todos. Na conversação dos cidadãos entre si é que as coisas verbalizam-se e se configuram; na disputa dos pares entre si, os melhores se destacam e conquistam a sua essência: a imortalidade da fama (1984, p. 16)

O citado autor construiu o seu pensamento de esfera pública utilizando o exemplo de uma sociedade burguesa, todavia e como se sabe as sociedades não são estáticas, evoluem e modificam-se, tanto constroem-se como destroem-se e se reconstroem.

A esfera publica burguesa desenvolvida estava ligada a uma complicada constelação de pressupostos sociais; eles toda vez logo se modificam profundamente e, com a sua modificação, aflora a contradição da esfera publica institucionalizada no Estado de Direito Burguês (1984, p.109).

Habermas percebeu e analisou a nova imprensa de comunicação que surgia naquela sociedade, mais especificamente referindo-se os jornais, que então passaram a fazer muito além do que informar, tornando-se críticos e assim conseqüentemente seus leitores adentraram em uma fase de libertação, ao terem a real compreensão sobre os fatos sociais. “Os jornais passaram de meras instituições publicadoras de notícias para, além disso, serem

8 JEFFRIES. Stuart. A rare interview with Jürgen Habermas. April 30, 2010. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/eda3bcd8-5327-11df-813e-00144feab49a.html>> Acesso em: 27 jul. 2015.

9 JEFFRIES. Stuart. A rare interview with Jürgen Habermas. April 30, 2010. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/eda3bcd8-5327-11df-813e-00144feab49a.html>> Acesso em: 27 jul. 2015.

porta-vozes e condutores da opinião pública, meios de luta da política partidária” (1984, p. 214).

A nova imprensa que Habermas mencionava, por analogia no tempo, pode ser comparada com as novas mídias sociais geradas no mundo da Internet. Se os jornais da época foram alavancados por indivíduos da esfera privada para participar como formadores de opinião na esfera pública, nada mais oportuno, obvio e lógico que os atores sociais que atualmente atuam em rede, sejam vistos como participantes da esfera pública e assim geradores de novas ideias e consensos no mundo da vida, permitindo-lhes alterar o sistema quando não estiver alinhado com os desenhos da sociedade.

Na atualidade, observam-se várias ações operadas na rede virtual – utilizando a tecnologia informacional - que geraram ou geram movimentações reais. Como exemplo, cita-se a sua atuação em eleições de diversos países, organizações de passeatas, a criação das redes corporativas empresariais e até mesmo criminosas, terroristas etc.

Essas redes ligadas pela Internet possibilitam às pessoas que nunca foram ouvidas, que tenham um espaço de publicidade disponível e que com os seus pares – manifestando os mesmos desejos – possam interagir, de forma que uma ideia ou tema prolifere dentro de uma rede na medida do consenso existente sobre essa ideia ou tema. Isso retrata o exemplo dos indivíduos participando da esfera pública.

Essa nova forma e a constatação de que os meios de comunicação informacional fazem parte da esfera pública, só foi possível com a penetração desses meios tecnológicos nas periferias, atingindo assim um número representativo de cidadãos.

A mudança contemporânea de paradigma pode ser vista como uma transferência de uma tecnologia baseada principalmente em insumos baratos de energia para uma outra que se baseia predominantemente em insumos baratos de informação derivados do avanço da tecnologia em microeletrônica e telecomunicação”. CASTELLS (1999, p. 107-108).

As tecnologias inteligentes, como denominadas por Levy (1997), tornaram-se baratas e acessíveis, bem como a facilidade e qualidade das transmissões impulsionaram e motivaram a utilização das redes de transmissão para os mais diversos fins, mas sempre com a primazia de servir à integração, troca de experiência e a comunicação.

As novas tecnologias de informação, difundidas e sustentadas pela Internet, trazem um aspecto importante e nunca antes alcançado pela sociedade. A informação sempre foi privilégio de poucos, bem como também a comunicação ou agir comunicativos. Somente alguns intelectuais, formadores de opinião podiam se manifestar, no entanto, a Internet criada pela rede possui a informação como matéria prima e a todos disponível.

Exatamente, por meio desse contexto de inovação e velocidade ampliada, é que a ação comunicativa também amplia-se de forma gigantesca. A comunicação atual pela rede liga pessoas, culturas, conhecimentos, problemas, soluções, entre outras ricas ligações, proporcionando a afirmação da mudança de conhecimentos, o que faz gerar entendimentos – questionados e re-questionados – para um determinado fim comum.

Cabe aqui novamente citar o ensinamento de Habermas, “a ação comunicativa está inserida em um mundo da vida que fornece uma cobertura protetora dos riscos, sob a forma de um imenso consenso de fundo” (2002, p. 127).

As comunidades virtuais – formadas por indivíduos reais – possibilitam que o mundo da vida seja analisado com mais abrangência pelos seus componentes, formando uma vigilância permanente sobre as ações e acontecimentos, inclusive do sistema, que possam estar em desconformidade do consenso íntimo. “Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais.” (LÉVY, 1999, p. 127).

Por derradeiro, conclui-se este ensaio com os seguintes ensinamentos do notável mestre alemão: existe uma correlação direta entre a ação comunicativa e o mundo da vida, cabendo a primeira a reprodução das estruturas simbólicas do segundo (cultura, sociedade, pessoa). Assim, sob o aspecto do entendimento mútuo, a ação comunicativa serve para transmitir e renovar o saber cultural, já sob o aspecto de coordenar a ação, propicia a integração social e, finalmente, sob o aspecto da socialização, serve à formação da personalidade individual. Por outro lado, a reprodução do substrato material do mundo da vida ocorre por meio de ações dirigidas afins, pelas quais os indivíduos associados intervêm no mundo da vida para realizarem os seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assinala-se, como uma das considerações mais significativas deste estudo – breves reflexões sobre as teorias da sociedade em rede de Manuel Castells e da rede de ação comunicativa de Jürgen Habermas, o reconhecimento de que ambas constituem poderosos instrumentos teórico-analíticos para o entendimento da sociedade contemporânea e do mundo da vida em que vivemos, estruturados, organizados e funcionando mediante um complexo universo de rede de redes, no qual perfilam tipificações de redes tecnológicas eletrônicas e igualmente de redes sociais.

Observa-se também que os dois autores comungam de idênticas preocupações, em relação à necessidade de uma adequada e consistente mudança paradigmática à interpretação e entendimento da complexa realidade contemporânea, tanto da sociedade em rede como do próprio mundo da vida.

Por outro lado, enquanto a teoria de Manuel Castells, com relevo, ocupa-se com questões da denominada ciência prática e de sua arquitetura de cunho fenomenológico, Jürgen Habermas avança em perspectivas de ordem filosófica e de fundo epistemológico. Trata-se de dois olhares de visões diferentes sobre o mesmo objeto de conhecimento. Às vezes, aproximando-se em seus entendimentos e, em outras, se distanciando.

Como resultado das específicas e importantes visões de ambos os autores, compreendendo profundas análises e distintos enfoques práticos e teóricos, pode-se deduzir que as suas interessantes contribuições encontram-se exatamente entre convergências e

divergências de seus olhares, dessa dicotomia foram construindo verdadeiro e oportuno diálogo de reflexões, culminando superações e inovações desse conhecimento.

Nesse sentido, Habermas promoveu densa e incansável interlocução com referências de vários e renomados pensadores, buscando apoio as suas argumentações filosóficas, com o intuito de acrescer novas perspectivas teóricas, discursivas e analíticas à construção de sua nascente teoria. A análise linguística e os aportes teóricos do ato da fala e da comunicação foram fundamentais à elaboração da rede de ações comunicativas e à concepção ao mundo da vida, como também a tecnologia informacional e suas crescentes inovações mostraram-se definitivas ao âmbito da comunicação instantânea e da teoria da sociedade em rede de Castells.

Nesse viés, Manuel Castells projeta uma importante teoria de abrangência e visão social, repleta de ricos dados empíricos e estatísticos, inúmeras informações e ilustrações de processos históricos, transitando com segurança em diversos âmbitos de conhecimento, como o econômico, empresarial, político, histórico, cultural e principalmente tecnológico e informacional, resultado de uma singular, relevante e densa pesquisa.

Enfim, em suas abrangências e amplitudes, as duas teorias têm seus méritos, apresentam elementos para melhor compreender a sociedade em rede e o mundo da vida em que vivemos, ambas formulam questionamentos e respostas às relações humanas em seus mais diversos aspectos e diferentes desafios, situando-se nos âmbitos das ciências social, política, econômica, cultural, entre outras, além do conhecimento filosófico, orientando as ações e o agir comunicativos dos atores como um todo, sugerindo novas formas de aproximações e interações, no sentido de construção do entendimento e da intersubjetividade comunicativa para a vida em sua plenitude, tanto na sociedade em rede em que hoje vivemos como reforçando e renovando o cenário do mundo da vida de cada indivíduo, para assim poder gerar possibilidades e novas expectativas.

Nas duas teorias abordadas nesse estudo, as relações entre a rede e a sociedade em rede e entre a rede e o mundo a vida, ao mesmo tempo constituem ponto de partida e também de chegada. Sem dúvida, a rede se faz central, como fosse a chave do mistério. Por sua vez, a tecnologia não é nem boa, nem ruim e também não é neutra. Trata-se de uma força que penetra no âmago de vida e da mente dos indivíduos. Na era da informação, quem melhor dominar as redes, contará com as suas extraordinárias vantagens e seus efeitos revolucionários.

Enfim, a rede, com os seus múltiplos e abertos acessos para todos os lados, contém ampla, densa e diversificada abrangência. Funcionando como uma totalidade, emerge como uma organização sem estrutura, sem guias, sem preconceitos e sem restrições.

A rede é a rede. Proclamada o símbolo do século XXI, com certeza, a rede de redes canaliza os poderes matérias do mundo da vida. Todavia indaga-se: Para onde estará conduzindo o mundo da vida e dos seus indivíduos, com a complexidade de seu poder e de sua fluida e volátil trajetória? Tal resposta permanece ainda desconhecida.

REFERÊNCIAS

ARQUILLA, John; RONFELDT, David (Orgs.). **Redes y guerras en red: el futuro del terrorismo, el crimen organizado y el activismo político**. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

BEDIN, Gilmar Antonio. **A sociedade internacional e o século XXI: em busca da construção de uma ordem justa e solidária**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARDOSO, Fernando Henrique. Prefácio. In: CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. I-III.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venancio Majer. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999, V.1.

_____. **A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

FREUD, Sigmund. **História do movimento psicanalítico**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Tradução Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

_____. **Teoría de la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. Tradução Manuel Jiménez Redondo. Madrid. Taurus, 1987. V.1.

_____. **Racionalidade e comunicação**. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. **Teoria do agir comunicativo. Sobre a crítica da razão funcionalista**. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo. Martins Fontes, 2012.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

_____. **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

JEFFRIES, Straus. A rare interview wiht Jürgen Habermas, april 30, 2010. Disponível em: <<http://www.ft.com/intl/cms/0/eda3bcd8-5327-11df.813e-00144feab49a.html>> Acesso em: 27 jun. 2010.

MATTAR, Khris. **O Movimento de Justiça Global: Uma nova mobilização política de resistência.** Tradução Khris Mattar e Andreia Rosenir da Silva. Ijuí: Ed. Unijí, 2013.

MORIN, Edgar; KERN, Anne Brigitte. **Terra-Pátria.** Tradução Paulo Azevedo Neves da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1995.

OLIVEIRA, Odete Maria de. Apresentação. In: BEDIN, Gilmar Antonio. **A sociedade internacional contemporânea e o século XXI: em busca da construção de uma ordem mundial justa e solidária.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2001, p. 15-20.

_____. **Teorias globais: elementos e estruturas.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. V.1.

_____. (Org.). **Relações internacionais: a questão de gênero.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2011.

_____. (Org.). **Relações internacionais, direito e poder: cenários e protagonismos dos atores não estatais.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2014, V. I.

_____. (Org.). O protagonismo dos atores não estatais pacíficos e violentos: a revolução da rede de redes. In: OLIVEIRA, Odete Maria de **Relações internacionais, direito e poder: atores não estatais na era da rede.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2016, p. 39-86, V. III.

OLSSON, Giovanni. **Relações internacionais e seus atores na era da globalização.** Curitiba: Juruá, 2003.

_____. **Poder político e sociedade internacional contemporânea: governança global com e sem governo e seus desafios e possibilidades.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

PALERMO, Luis Claudio. A importância da teoria do agir comunicativo na atualidade: racionalidade, mundo da vida e democracia deliberativa. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP.** Macapa, n.6, dez. p.1-17, 2013. Disponível em: <<http://www.periodicos.unifap.br/index.pht>> Acesso em: 24 ago. 2017.

TRUYOL y SERRA, Antonio. **La sociedad internacional.** 2.ed. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

VELOSO, Marcelo de Alencar. **Ciberespionagem global e o Decreto 8.135.** 2014. Elaborado em 3/2014. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/27383/ciberespionagem-global-e-o-decreto-8-135#ixzz3^aSFzqdsb>>. Acesso em: 15 maio 2015.

ZANINI, Michele; EDWARDS, Sean J. A. Redes terroristas en la era de la información. In: ARQUILLA, John; RONFELD, David. **REDES y guerra en red:** el futuro del terrorismo, el crimen organizado y el activismo político. Madrid: Alianza editorial, 2003, p. 57-87.

WIGHT, Martin. **Política do poder.** Tradução Carlos Sérgio Duarte. Brasília: UnB, 1985.

WILLIAMS, PHIL. Redes transnacionales de delincuencia. In: ARQUILLA, John; RONFELDT, David. **Redes y guerras en red:** el futuro del terrorismo, el crimen organizado y activismo político. Madrid: Alianza Editorial, 2003, p. 88-123.